

EMPRÉSTIMOS, ESTRANGEIRISMOS E SUAS MEDIDAS

Claudia Maria Xatara RODRIGUES¹

- RESUMO: A partir de um recorte do léxico francês, enfocaremos a possibilidade de se traduzirem para o português duas modalidades de *contribuição* à língua francesa: os empréstimos e os estrangeirismos, numa tentativa de resolução de eventuais problemas do ato tradutório.
- UNITERMOS: Empréstimo; estrangeirismo; decalque; tradução.

Apresentaremos, neste artigo, algumas reflexões acerca da formação da língua francesa, à luz da gramática histórica que nos oferece a lexicologia como possibilidade de estudar a língua de um povo no tempo e no espaço. Sem dúvida, a história de uma língua é, em parte, a história do acervo lexical utilizado pela comunidade e o léxico das línguas está em constante evolução, não sendo nunca um produto acabado, pois os usuários fazem parte de um processo dinâmico e contínuo.

Consideremos, antes de mais nada, que uma língua pode tomar de *empréstimo* vocábulos de outras línguas, adaptando-os ou não. E dizemos que a adaptação de um vocábulo de uma língua B ao sistema lingüístico de uma língua A é um caso de *empréstimo*, enquanto que o *estrangeirismo* consiste na adoção do vocábulo da língua B em sua forma original. Assim, podemos citar Nelly Carvalho (1989), primeiramente quando esta retoma Bloomfield:

... estrangeirismo é a adoção de traços lingüísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional. (p. 35)

e mais adiante:

Deve ficar bem clara a distinção entre empréstimo e estrangeirismo (...) o empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas. (p. 47)

1. Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP 15055 – São José do Rio Preto – SP.

Por exemplo:

- *banane* no francês representa um empréstimo da forma 'banana' portuguesa;
- *offset* no francês representa um estrangeirismo inglês.

Mas por que isso ocorre? Que molas propulsoras levam uma comunidade a inserir em seu sistema lexical elementos de uma ou de várias outras comunidades?

As importações lingüísticas são decorrentes de uma necessidade expressiva e comunicativa sentida pela comunidade que sofre influências políticas, culturais e mesmo geográficas (estas últimas justificam-se pela proximidade territorial que normalmente proporciona grande convivência entre as línguas). Ressalve-se, contudo, que estamos falando de influências lexicais, ou seja, de influências que ocorrem no conjunto de lexemas e não de influências gramaticais que podem ocorrer, em muito menor escala, no conjunto fonológico-morfológico-sintático.

A seguir, procuraremos mostrar, diacrônica e sincronicamente, um quadro sobre importações lingüísticas concernentes à língua francesa. E deixaremos para o final suas implicações no âmbito da tradução.

Aspectos diacrônicos do empréstimo em francês

O latim popular foi levado aos gauleses, habitantes de uma região que correspondia mais ou menos ao atual território da França, pelos soldados romanos que invadiram desde 50 a.C. a Gália Transalpina e foram dominando-a pouco a pouco. Vitoriosos, impuseram-lhes, concomitante com a época de suas conquistas, a língua latina, da mesma forma que fizeram em outras províncias do Império Romano. O latim implantado nessas regiões deu origem às línguas neolatinas.

Pode-se falar até de um primeiro caso de bilingüismo na história dessas línguas, quando, por exemplo, militares vencidos mas que ocupavam postos avançados, tiveram de dominar bem, e rapidamente, a língua dos vencedores.

O que permaneceu do substrato gaulês na formação da língua francesa foram tendências fonéticas e um certo número de palavras correspondentes a nomes de lugares (*Amiens, Angers, Caen, Chartres, Clichy, Paris, Rouen, Tours* etc.) e da linguagem corrente, sobretudo do campo, onde a resistência ao latim foi maior (*alouette, arpent, bouc, claie, chemin, chène, lieue, mouton* etc.).

Após essa, digamos, primeira etapa de formação do francês, ou seja, após a romanização do gaulês (fins do século IV d. C.), encontramos o galo-romano resistindo bravamente a sucessivas invasões, sobretudo à dos francos, um dos povos germânicos. Os francos, por fim conquistadores (486 d.C.), instalam-se na região, mas o fenômeno é contrário ao da conquista romana: é a assimilação do latim pelos vencedores (também 'bilingües' até o momento em que abandonaram sua língua), por ser ele a língua de um povo culturalmente superior e o idioma empregado pela Igreja.

Temos, então, um superestrato do frâncico favorecendo uma grande evolução do latim (galo-romano) que sofreu adaptações quanto ao sistema fonológico, à tipologia silábica, à estruturação morfológica e um enriquecimento do vocabulário (*blé, blesser, guerre, hache, hair, honte, jardin, orgueil, fauteuil, fief, garantir, maréchal, troupeau; Armand, Bernard, Charles, Gautier, Gérard, Gilbert, Hugo etc.*).

Numa terceira etapa de formação, deparamos-nos, lá pelo século VIII, com a Gália dividida em dois grandes grupos lingüísticos: às línguas d'oc e as línguas d'oïl (na Idade Média, as línguas eram designadas pelo modo de dizer *sim*). Os dialetos de línguas d'oc ao sul da Gália (limusino, overnhês, gascão, provençal, etc.) eram muito prósperos, ilustrados pelos trovadores, mas dentre os dialetos de língua d'oïl ao norte (valão, picardo, loreno, borguinhão, normando etc.), o franciano, da Ilha da França, destacou-se por ser o dialeto do poder real e suplantou os demais, favorecendo certa hegemonia lingüística mais ou menos estruturada: trata-se do francês antigo (século XII ao XVI). Subsistem, contudo, dialetos e patuás (variantes regionais) ao lado do prestigiado franciano, 'língua nacional'.

Até aqui, então, houve dois casos de empréstimos: das línguas dos invasores ao galo-romance, dos outros dialetos ao franciano. Neste último caso, temos, por exemplo *fada, gabarit, nougat, truc* (do provençal), *faillie, grisou, houille* (do valão), *luge* (do dialeto da Savóia), *porion* (do picardo) etc.

Os próximos empréstimos verificaram-se no francês médio do século XIV, empobrecido pela perda da supremacia intelectual e artística, como uma das decorrências da Guerra dos Cem Anos. Nesse momento, foi a tradução de autores latinos que fez ingressarem na língua vários termos principalmente de teologia, filosofia, direito e medicina, muitos deles mantendo-se até hoje em sua forma latina original: *alibi, a priori, aquarium, examen, fac-similé, habeas corpus, idem, item, lapsus, maximum, processus, ultimum, visa etc.*

É essa preocupação com o latim erudito que explica o aparecimento dos *divergentes* ou *alótopos* (introdução de termos emprestados do latim culto que divergiam sensivelmente, no significante e no significado, dos termos comumente utilizados pelo povo, emprestados do latim vulgar):

– *ausculter* é um empréstimo do latim clássico *auscultare*, com adaptações na prosódia e na terminação (a chamada 'formação erudita') e *écouter* é o termo de 'formação popular'.

– do mesmo modo: *cavalier e chevalier, libérer e livrer, natif e naïf, récupérer e recouvrer, vitre e verre*, respectivamente divergentes de formação erudita e de formação popular.

O francês médio do século XVI acelerou o emprego dos estrangeirismos e dos empréstimos do latim, do grego, do espanhol, e, particularmente, do italiano, pois a riqueza vocabular assegurava a uma língua, segundo o pensamento da época, a condição de idioma perfeito.

A primeira atitude purista deu-se no século XVII, em que arcaísmos, termos técnicos ou dialetais, estrangeirismos e neologismos foram banidos do francês clássico

até o século XVIII, quando foram reabilitadas sobretudo as palavras referentes às ciências aplicadas e grande número de vocábulos ingleses penetram na língua francesa. Neste momento:

...*l'anglomanie a fait trop bon marché de la pureté de la langue française*. (Grevisse, 1975, p. 73)

Do século XVIII aos nossos dias, o francês moderno continuou a servir-se dos empréstimos e termos novos são impostos pelas descobertas científicas, pelo progresso na indústria, pelo fortalecimento dos intercâmbios comerciais etc.

Em toda sua evolução, houve importações de elementos de outras línguas neolatinas:

– *fétiche, jaquier, macaque* do português,
– *igname, navaja, romancero* do espanhol,
– *bravo, impresário, macaroni, maestro, maffia, piano, pizza, soprano, vendetta* do italiano;

e de línguas não-latinas:

– *cairn* do irlandês,
– *saga* do escandinavo,
– *bière, bouquin, kermesse, mannequin, matelot, polder* do neerlandês,
– *bivouac, choucroute, doberman, képi, kirsch, leitmotiv, mark, valse* do alemão.
– *ski, slalom* do norueguês,
– *whisky* do escocês,
– *bar, barbecue, budget, cricket, festival, hall, palace, rail, slip, wagon* do inglês,
– *boyard, moujik, podzol, spoutinik, tsar* do russo,
– *cosmos, ganglion, magma* do grego.

Aliás, o grego é responsável pelo fornecimento de inúmeros radicais para a formação de termos eruditos, híbridos ou não, a partir do francês médio, além de ter fortemente influenciado o latim popular na época helenística (século III a.C.) com um bom número de palavras que passaram ao francês pela forma latina (*beurre, chère, corde, encre, horloge, moine, perdrix, trésor* etc.).

As importações vieram também de línguas não-européias:

– *banian* do hindu,
– *caoutchouc, puma* do castelhano do Peru,
– *avatar, bengali, raja(h)* do indiano,
– *alcool, algèbre, carafe, chiffre, douane, méchoui, naja* do árabe,
– *karaté* do japonês,
– *baobad* do senegalês,
– *chimpanzé, harmattan* de outras línguas africanas,
– *chacal, divan, tulipe* do turco,
– *bootlegger, jazz, juke-box* do inglês americano,

- *gong*, *pantoum* do malaio,
- *c(s)hãh* do persa,
- *cobaye* de uma língua indígena da América,
- *igloo*, *nunatak* do esquimó,
- *alléluia*, *hasanna* do hebreu.

Muitos dos empréstimos ou estrangeirismos acima podem ser explicados pela imigração, através da qual os traços de outras línguas fontes são levados e alguns aceitos por vários falantes na região onde se instalam, passando depois para a escrita. A língua francesa moderna tomou ainda de empréstimo termos do francês antigo:

- *printemps* veio de *print+temps*,
- *purrée* de *purer*,
- *ramage* de *rain*,
- *refrain* de *refraindre*,
- *retraite* de *retraire*,
- *séance* de *seoir*,
- *tomber* de *tumber*, etc.

A essa altura convém esclarecer que o francês a que nos referimos é o francês da França e não o do Québec ou de algum país francófono, como o Haiti, as Ilhas Maurícias, a Polinésia, a Bélgica, a Suíça, o Marrocos, a Argélia, a Tunísia etc. Apenas nos interessa, nesse momento, identificar na língua do Hexágono substratos das ex-colônias francesas: é o caso de *colibri* das Antilhas, *curare* do Caribe e *ratáfia* do crioulo de Guadalupe.

Outro aspecto diacrônico a ser considerado consiste no *empréstimo indireto*. Existem vocábulos que só chegam ao francês (língua C) através de uma língua B (fonte indireta) que, por sua vez, emprestou estes vocábulos de uma língua A (fonte primeira):

- *numéro* é um empréstimo italiano vindo do latim *numerus*;
- *alligator*, empréstimo inglês, veio do espanhol *lagarto*;
- *sport*, outro empréstimo inglês, veio do francês arcaico *desport*;
- *verdict*, ainda outro empréstimo inglês, veio do latim *veredictum*;
- *ananas* é um termo indígena que o francês recebeu por meio do espanhol;
- o português do Brasil forneceu ao francês *samba* emprestado do quimbundo *semba* e termos indígenas como *ara*, *tapir*, *tatou*, *urubu*, emprestados do tupi.

Na verdade, refletindo um pouco mais sobre o que acabamos de mencionar, é muito difícil determinar a língua-mãe de um empréstimo. Toda palavra em certa língua parece derivar de uma outra língua e, assim, poderíamos ir descobrindo que *n* palavras no francês, na forma de estrangeirismos, empréstimo ou vernaculismos, vieram de *n* palavras, por exemplo, do inglês. Dentre estas, umas vindas do latim, outras do germânico, sendo que estas podem ter vindo do grego etc. O *empréstimo direto*, ao contrário, enfoca apenas a sincronia do processo: analisam-se somente palavras referentes a duas línguas, uma a fonte (direta), outra a receptora; ou seja, não interessa

se *samba* chegou ao português pelo quimbundo e, então, chegou ao francês pelo português – o que importa é que chegou pelo português e não pelo quimbundo. Só não é possível falarmos em *empréstimo direto* quando se trata dos híbridos, isto é, palavras formadas por elementos emprestados de duas outras línguas diferentes. Assim, em francês, teríamos: *alcoomètre, automobile, calorimétrie, decimètre, galvanoplastie, monoculture, sociologie, télévision, zincographie* etc.

Também há o caso dos empréstimos que se tornam *produtivos* na língua:

– o empréstimo *stimulus* do latim produziu *stimuler, stimulant, stimulation, stimulateur*;

– *hockey* do inglês originou *hockeyeur, hockeyeuse*;

– de *coca*, empréstimo espanhol, temos *cocaïne*;

– *soviet*, empréstimo russo, originou *soviétique*.

Como se vê, a produtividade consiste na formação de novas palavras (por derivação ou composição), a partir de formas cultas ou coloquiais da língua, originando novas formações, cuja aceitabilidade depende de questões de uso. Quais seriam as motivações para isso? O usuário da língua pode ter a 'necessidade' de mudar alguma categoria lexical (é o caso, por exemplo, de um verbo ser formado de um substantivo através de um sufixo), ou de acrescentar a uma base um valor semântico (pejorativo, diminutivo etc.) dentro de uma mesma categoria, por meio de um sufixo ou prefixo, ou ainda de nomear ou caracterizar seres e objetos pela junção de dois elementos semânticos, sendo um fixo e o outro modificador (é o que acontece com a composição). Mas nesse trabalho, evidentemente, não entraremos nos pormenores desses processos que fazem uma língua evoluir: desuso de formas existentes (os arcaísmos), criação de novas formas (derivação, composição, neologismo formal) ou de novos conteúdos para formas já existentes (neologismo conceitual).

Continuaremos, portanto, a falar dos empréstimos e estrangeirismos em francês.

Empréstimos do francês do século XX

Numa perspectiva sincrônica, por sua vez, a língua francesa tem presentes inúmeros anglicismos justificados por causas não-lingüísticas: a constante mediação por canais artificiais, os meios de comunicação de massa e a transferência de tecnologia ocasionam uma intervenção cultural, comercial e técnico-científica bastante significativa. É um fenômeno ideológico, pois há uma elite intelectual, dona da situação, ou seja, detentora do poder econômico, prestigiada e dominadora, praticamente determinando a penetração dos termos estrangeiros. A comprovação da intervenção técnico-científica é a frequência de uso de anglicismos pelos cientistas e técnicos franceses e mesmo pelo homem comum que tem acesso aos empréstimos ou estrangeirismos referentes a este tipo de discurso, por meio de uma divulgação

oral (noticiários e anúncios publicitários) e escrita (livros e revistas especializados). Já a intervenção cultural da língua inglesa sobre a francesa salta aos olhos de qualquer observador: o inglês está *partout*.

Mas os anglicismos, como a grande maioria dos empréstimos de outras procedências, constituem-se mais de substantivos e adjetivos que de verbos. Muito deles passam por uma adaptação morfológica e fonológica segundo os padrões da língua francesa. Por isso:

- *base-ball* pronuncia-se / bezbol / e não / beisbɔ:l /,
- *cocktail* pronuncia-se / kɔktel / e não / kɔkteil /,
- *corporation* pronuncia-se / kɔpɔrasjɔ̃ / e não / kɔ:pa'reiʃan /,
- *flash-back* pronuncia-se / flasbak / e não / flæʃback /,
- *hot dog* pronuncia-se / ɔtdɔg / e não / hɔtdɔg /,
- *pedigree* pronuncia-se / pedigre / e não / pedigri: /,
- *record* pronuncia-se / rakɔr / e não / rekɔ:d /,
- *camping* pronuncia-se / kãpiŋ / e não / kaem'piŋ / ou, com maior adaptação, *shampooing* tem a pronúncia / ʃãpwê / e não / faem'puiŋ / etc.

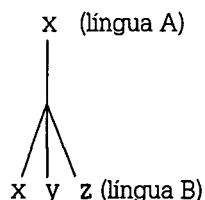
Estas adaptações fonológicas se explicam tanto pela dificuldade intrínseca de se reproduzirem as articulações necessárias para a realização fonética do fonema de uma língua fonte A, como pelo fato de que este dificilmente se entrosa no sistema de correlações e contrastes dos fonemas da língua receptora B. Mesmo quando é mantida a grafia estrangeira, geralmente encontramos adaptações de certos fonemas; daí, neste caso, falarmos já de *empréstimos* e não apenas de *estrangeirismos*, como sugere Nelly Carvalho (1989). E não distinguimos *estrangeirismo* de *xenismo*, distinção esta feita pela citada Autora. Consideramos, apenas, que o estrangeirismo tem duas fases: a primeira quando ainda não se inseriu na língua, fazendo somente parte da fala; a segunda, quando, já inserido na língua, sofre adaptações e passa a *empréstimo* ou não sofre qualquer adaptação e permanece *estrangeirismo* (e não *xenismo*).

Há, então, os anglicismos que entraram no francês sem serem adaptados fonologicamente: *box*, *cowboy*, *offset*, *scotch*, *stock*, *stop*, *week-end*. Ou, os que receberam, além da adaptação fonológica, a adaptação gráfica: *bouledogue* é a adaptação francesa de *bulldog*, *pingouin de penguin*, *tourisme de tourism*.

A tradução para o português de empréstimos e estrangeirismos em francês

Partindo justamente do problema da adaptação ou não dos anglicismos, podemos teorizar um pouco, esquematizando o que acontece com os empréstimos e estrangeirismos.

Consideremos um termo *x* de uma língua A. Ele pode passar a uma língua B sem adaptação nenhuma (é um verdadeiro *estrangueirismo*) e continuar sendo *x*; ou com algum tipo de adaptação (é o *empréstimo parcial* – só adaptação fonológica – ou *total*) passando a ser *y*; ou ainda com motivação que possibilite formar um termo vernáculo para substituí-lo, a partir de sua tradução literal (é um *decalque*) e assim será *z*:

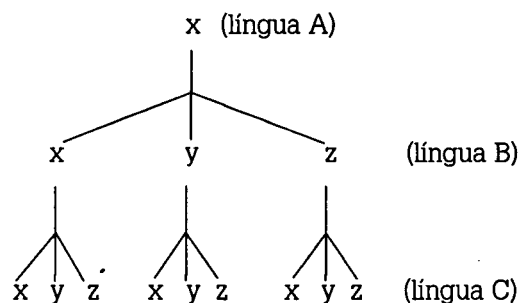


Vamos exemplificar:

língua A	latim	inglês	italiano	português	espanhol	alemão
L.B: francês estrangueirismo	sine qua non sui generis	snob speech	adagio crescendo		cacique mais toréador	loess quartz
empréstimo (parcial ou total)	curriculum vitae; status	play back pouding	mezzanine fastiche	baroque caravelle vigie	tabac tomate	
decalque		centre d'achats				

Então, do latim, inglês, italiano, espanhol, alemão (línguas A), passaram ao francês (língua B) *estrangueirismos* como /*sine qua non, sui generis; snob, speech; adagio, crescendo; cacique, mais, toréador; loess, quartz* (casos *x-x*). Do latim, inglês, italiano, português e espanhol (línguas A), passaram ao francês (língua B) *empréstimos* como *curriculum vitae, status; play back, pouding; mezzanine, fastiche; baroque, caravelle, vigie, tabac, tomate* (casos *x-y*). E sobre o inglês (língua A), por exemplo sobre *shopping center*, o francês (língua B) criou *decalques* como *centre d'achats* (caso *x-z*).

E quando há três línguas implicadas? Por exemplo, um tradutor traduzindo para o português (língua C) termos que representam no francês (língua B) *estrangueirismos*, *empréstimos* ou *decalques* do inglês (língua A)? O tradutor, então, na língua C, poderá manter o *estrangueirismo*, o *empréstimo* ou o *decalque* da B ou o *estrangueirismo* correspondente da A, ou criará, por sua vez, outro *decalque*. Colocando isso no esquema anterior, teríamos a seguinte ampliação:



Por exemplo:

- o termo *maestria*, estrangeirismo italiano no francês, passa para o português também como estrangeirismo italiano (*x-x-x*);
- *folklore*, estrangeirismo inglês no francês, passa a *folclore*, um empréstimo inglês no português (*x-x-y*);
- *week-end* estrangeirismo inglês no francês, é *fim de semana*, um decalque no português (*x-x-z*);
- *mea-culpa*, empréstimo latino parcial no francês, é estrangeirismo no português (*x-y-x*);
- *foetus*, empréstimo latino parcial no francês, passa a *feto*, um empréstimo latino no português (*x-y-y*);
- *superman*, empréstimo inglês parcial no francês, passa a *super-homem*, um caso de decalque no português (*x-y-z*);
- *mouse* do inglês (termo da informática) é um decalque no francês, *souris*, mas estrangeirismo inglês no português (*x-z-x*);
- AIDS do inglês é *SIDA*, decalque no francês, mas empréstimo inglês parcial no português do Brasil, pois a pronúncia é aportuguesada (*x-z-y*);
- *supermarket* do inglês é o decalque *supermarché* no francês e *supermercado* no português, outro decalque (*x-z-z*).

Cabe, portanto, ao tradutor escolher entre: 1) a reprodução do termo estrangeiro (*estrangeirismo* ou *empréstimo*) da língua fonte para a língua receptora – aqui do francês para o português (casos do esquema acima que terminam em *x* ou *y*); 2) a criação de um *decalque* sobre esse termo (casos do esquema acima que terminam em *z*); 3) a sua tradução não literal (*table de nuit = criado-mudo*). Para apoiar-se nessa ‘trifurcação’, o tradutor poderia recorrer aos bons dicionários da língua receptora, verificando, assim, primeiramente, se o termo estrangeiro já se encontra em uma dessas possibilidades. Por outro lado, jornais e revistas estrangeiros traduzidos poderão compensar o registro dos termos mais recentes que ainda não constam dos dicionários e, da mesma forma, trabalhos lexicográficos diversos, especializados em diferentes áreas terminológicas, serão, sem dúvida, de grande utilidade. De resto, será o bom senso do tradutor, ou seja, sua *malícia* lingüística o pivô da escolha, sobretudo quando tiver difícil acesso à bibliografia mais específica.

Conclusão

A fim de deter o avanço do “franglês”, muitas palavras em francês são impostas ou recomendadas pelo governo da França em substituição a outras, sobretudo aos anglicismos, que vigoram em forma de empréstimos ou estrangeirismos, por exemplo: *salle de séjour* a *living room*, *conteneur* a *container*, *palmarés* a *hit parade*.

É uma tentativa nacionalista de proteger o sistema da língua francesa (tentativa que não serviu de exemplo aos ‘defensores’ da língua portuguesa, como bem disse N. Carvalho (1989), permitindo, no máximo, o uso de anglicismos como termos isolados, cujo decalque dificultaria seu emprego por se distanciar muito da forma original: *garçon joueur* ou *garçon qui joue* está longe demais de *playboy*.

Essa reação surgiu, pela primeira vez, de modo mais consistente, em 1973, quando o *Journal officiel de la République française* indicou em torno de 500 anglicismos que deveriam ser substituídos por palavras francesas.

O problema, entretanto, é se um governo consegue segurar a tendência do povo que, para ver o mundo, cada vez mais toma de empréstimo os olhos de outros povos (falantes de outras línguas). Novamente voltamos ao ponto: é uma questão ideológica e cultural quando se tem, de um lado, uma cultura dominante exportadora e, de outro lado, outro país, outro povo, outro sistema lingüístico, outro sistema de valores que, no papel de importador cultural, deixa esmorecer um pouco de si mesmo.

Os *estrangeirismos* e *empréstimos* não devem, pois, ser utilizados *sem medidas*, mas não queremos dizer com isso que não se devam aceitar dentro do sistema de uma determinada língua, microssistemas de outras línguas, principalmente no tocante aos empréstimos terminológicos por ocasião da transferência de tecnologia, inegavelmente necessária em nossos dias. Queremos dizer sim que, num primeiro momento (quando ainda não houve tempo hábil para a adaptação do termo estrangeiro), é a necessidade que possibilita a introdução do *estrangeirismo* ou *empréstimo* em dada língua, mas que, num segundo momento, é a *ousadia*, dos tradutores terminólogos, geralmente trabalhando em conjunto em comissões nacionais, que deve concretizar uma tradução literal (decalque) ou não-litera (paráfrase, neologismo) desses estrangeirismos e empréstimos.

... E podemos citar Mattoso Câmara, quando retoma o lingüista holandês Pier Eringa:

Uma língua não pode tomar de empréstimo elementos de outra sem perder sua identidade, a menos que o faça reinterpretando-os, adaptando-os à sua própria estrutura. (1976, p. 261)

RODRIGUES, C. M. X. Emprunts, mots étrangers et leurs mesures. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 99-109, 1992.

- **RÉSUMÉ:** À partir d'un découpage du lexique français, nous focaliserons la possibilité d'être traduites pour le portugais deux modalités de contribution à la langue française: les emprunts et les mots étrangers, à l'intention de résoudre d'éventuels problèmes de la traduction.
- **UNITERMES:** Emprunt; mot étranger; calque; traduction.

Referências bibliográficas

CÂMARA, JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976. 333 p.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989. 88 p.

GREVISSE, M. *Le bon usage: grammaire française avec des remarques sur la langue française d'aujourd'hui*. 10. ed. Gembloux: Ducolot, 1975.

Bibliografia consultada

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. 96 p.

BLOCH, O., WARTBURG, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires, 1950. 651 p.

BRUNEAU, Ch., BRUNOT, F. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson, 1937. 642 p.

COHEN, M. *Histoire d'une langue: le français*. Paris: Hier et Aujourd'hui, 1947.

COUTINHO, I. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974. 357 p.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. 653 p.

DUBOIS, J., JOUANNON, G. *Grammaire et exercices de français*. Paris: Larousse, s.d. 304 p.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. 1499 p.

LAGARDE, A., MICHARD, L. *Moyen Âge*. Paris: Bordas, 1956. 242 p.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967. 4 v.

PETIT Robert: dictionnaire de la langue française. Paris: Robert, 1989. 2172 p.

PLURI Larousse: dictionnaire encyclopédique de l'enseignement. 2. ed. Paris: Larousse, 1977. 1470 p.

VEIGA, C. *Gramática nova do francês*. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasil, s.d., 359 p.